

**EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS: DESAFIOS AO TRABALHO
DOCENTE**

Entrevista com o Educador
Humberto Marcondes Estevam
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM

O educador Humberto Marcondes Estevam possui Pós-Doutorado pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU (2011); Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP (2007); Mestrado em Educação pela Universidade de Franca – UNIFRAN (2002); Especialização em Educação Empreendedora pela Pontifícia Universidade Católica – PUC (2017); Graduação em Tecnologia em Processamento de Dados pela Universidade de Uberaba – UNIUBE (1994). Desde 2008, é professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Tecnológica e Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM. Tem experiência nas áreas da Ciência da Computação (Arquitetura de Computadores, Sistema de Informação Gerencial, Ensino à Distância, Internet); da Educação (Didática, Metodologia Científica, História da Educação, Práticas de Ensino e Práticas Pedagógicas); e da Saúde (Informática e Ensino, Informática Médica, Informática Biomédica). Sua última obra publicada foi *Avaliação do Perfil de Egressos em Educação* (ESTEVAM; OLIVEIRA, 2015).

Esta entrevista foi realizada no Instituto Federal de Educação do Triângulo Mineiro, como atividade ligada à disciplina “Cultura Virtual e Subjetividade”, ofertada no Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Educação da Universidade de Uberaba. Apresenta a “conversa com finalidade” (MINAYO, 2007)¹ com o educador Humberto Estevam sobre o contexto de uma realidade social atravessada pelas tecnologias digitais. A intenção é saber sobre suas vivências em relação à escola e à vida humana que são transformadas por esse novo contexto que acarreta aos profissionais da educação a necessidade de repensar o seu trabalho, tendo em vista

¹ Segundo Minayo (2007, p. 261), a “conversa com finalidade” (entrevista semiestruturada) pode ser realizada com um ou mais interlocutores, ocorre em forma de diálogo, e é direcionada pelos objetivos relacionados ao objeto da pesquisa.

a compreensão dos novos desafios a eles apresentados e o que daí decorre para o exercício de seu papel na sociedade do século XXI.

Entrevistadoras: A importância do trabalho na vida do ser humano vai muito além do fato de, por meio dele, satisfazermos nossas necessidades básicas. O trabalho, por si só, é revelador da nossa humanidade, uma vez que possibilita ação transformadora sobre a natureza e si mesmo. Além disso, a nossa capacidade inventiva e criadora é exteriorizada por meio do ofício que realizamos. O que fez o senhor optar pela profissão de educador? E para nela permanecer e fazer carreira, quais foram seus principais investimentos e apostas?

Humberto Estevam: O meu despertar docente começou com a minha experiência profissional como “suporte técnico” em uma empresa de informática, na cidade de Uberaba, em 1990. Esta empresa desenvolvia e comercializava softwares gerenciais para os diversos ramos de atividades da indústria, comércio e de serviços. Nesta empresa, tive a oportunidade de desenvolver habilidades do ensino, instalava e treinava as pessoas para utilizarem os softwares gerenciais. Fiquei por cinco anos nesta empresa e, antes de ingressar no ensino superior, tive a oportunidade de dar aulas em escolas de informática e, posteriormente, de montar a minha própria escola, que durou mais sete anos. A experiência no ensino superior nasceu da oportunidade de pleitear uma vaga para professor substituto em uma Instituição de ensino na área da saúde. Os desafios eram gigantescos, mas sabia que daria conta de ensinar informática biomédica para os alunos da graduação de medicina, biomedicina e enfermagem, onde fiquei por quatro anos como professor substituto (antes podiam ser renovados os contratos de professores substitutos) e como colaborador no curso de estrado em saúde por mais um ano. Em meados deste período trabalhei no período noturno como professor em uma instituição na área da Administração de empresas, marketing e ciências contábeis, onde fiquei por cinco anos. Como principal investimento e aposta, resolvi pleitear o mestrado em educação, em paralelo ao exercício da docência, nestas duas instituições. Me apaixonei pela docência, resolvi dar continuidade à minha formação docente e finalizar o doutorado em educação. Assim que terminei o doutorado apareceu uma vaga para professor doutor em educação no CEFET. Investi nesta oportunidade e a

abracei com muito esforço e dedicação para fazer o meu melhor. Finalizei em 2011 o meu pós-doutorado em educação. Sou muito agradecido por trabalhar em uma instituição pública de qualidade e ao mesmo tempo apaixonado por ela. Aqui posso mostrar minhas habilidades e conseguir desenvolver uma relação de trabalho em equipe, amigável, positiva, prazerosa e continuar o desenvolvimento da educação de qualidade.

Entrevistadoras: Na sua opinião, o senhor acredita ser possível pensar em um modelo ideal de educação para o Brasil? Como seria sua organização?

Humberto Estevam: Não penso em modelos, nem em rótulos ou mesmo padrões. Pensar assim é limitar valores de crescimento intelectual, cultural, linguístico e outros conforme vários escritos de Pierre Bourdieu. Somos profissionais da educação e acreditamos em um futuro melhor e, diante disso, não limitamos em ensinamentos e nem em aprendizados, vamos além. O Brasil tem ensino de qualidade e não precisa copiar modelos, temos uma vasta e rica fonte de inspiração que cria e transforma a realidade de pessoas e comunidades. Precisamos valorizar mais nossas riquezas, explorar e valorizá-las. Somente quem viaja para outros países pode ter a oportunidade de vivenciar como eles valorizam o que têm. E nós sempre achamos que o do outro é melhor.

Entrevistadoras: A Revolução das Tecnologias da Informação, baseada em sistemas digitais, estendeu-se a todos os domínios das atividades humanas. A educação foi uma das áreas que passou a fazer uso das Tecnologias Digitais – TDs, inicialmente nos processos administrativos e, atualmente, também no processo de ensino-aprendizagem. Qual sua opinião sobre o uso das TDs no trabalho docente? Quais as novas demandas impostas ao professor para atuar neste cenário? E os limites?

Humberto Estevam: Como a minha graduação foi em informática, apoio e penso que é muito positivo o uso das Tecnologias Digitais no trabalho docente. Mas, antes disso, é necessário compreender que para se utilizar uma tecnologia na educação é necessário saber como inseri-la de forma que auxilie no trabalho docente e não

como substituição ao trabalho docente. A essência do educador está em encontrar as tecnologias que facilitem o processo de aprendizado, mas nunca o de substituir a essência do educador. Algumas novas demandas são impostas com um formato próprio que engessa o trabalho docente. Trabalhamos com seres humanos e não com máquinas. Não existe padrão de ensino, mas flexibilidade, adaptação ao ensino que realmente precisamos naquele local, naquela realidade e naquele aprendiz. É um grande paradoxo pensar que as tecnologias devam permitir toda esta flexibilidade, mas como pensar a educação com limitadores? As tecnologias digitais mais fáceis de serem utilizadas devem auxiliar e enriquecer o trabalho docente e não limitar ou padronizar – este é o grande desafio para os desenvolvedores digitais. Eles devem pensar como educadores para desenvolver um bom trabalho.

Entrevistadoras: O uso de TDs na educação está ligado a um processo de reestruturação econômica capitalista que usa as tecnologias como suporte de controle de suas atividades em vários ramos da economia. A internet é a expressão clara dessa reestruturação capitalista que vem crescendo num ritmo mais acelerado do que as mídias anteriores, como o rádio e a televisão. Você considera que existe relação entre o sistema capitalista e o desenvolvimento das tecnologias? Como ela se expressa?

Humberto Estevam: Tenho certeza dessa relação. A criatividade capitalista com o uso das tecnologias cotidianas permite novos cenários de criação. Temos novos produtos e novas formas de convencimento para o consumismo, por exemplo. Se pensarmos nas *startups*, por exemplo, quantas empresas surgem, crescem e desaparecem rapidamente. Elas são e devem ser dinâmicas, devem aproveitar a oportunidade mercadológica e o nicho financeiro, principalmente. O sistema capitalista entendeu que deve vender emoções e não produtos e isso se torna realizável principalmente com o uso das tecnologias. Somos invadidos a todo o momento com o consumismo capitalista. Será que realmente precisamos disso? Se fizéssemos esta pergunta e parássemos para pensar um pouco, não atenderíamos tão prontamente às imposições capitalistas. Como exemplo: compramos um celular de última geração, com todos os recursos do momento; em pouco tempo, ele está

obsoleto, ultrapassado, feio e velho. As mídias atuais bombardeiam literalmente nossa mente com a necessidade de novas emoções. Pense nisso!

Entrevistadoras: O senhor avalia existir uma relação entre tecnologia e poder? Como a considera?

Humberto Estevam: Sim, ela existe, mas considero que é relativa e momentânea - a tecnologia é defasada em pouco tempo e o poder vai junto. Portanto, é um erro pensar e apostar nisso. Como as *startups*, por exemplo, o tempo é um fator limitante da sua própria natureza. Se acomodarem na tecnologia — o poder desaparece; se acomodarem no poder — a tecnologia é substituída.

Entrevistadoras: O senso comum é que a tecnologia afasta as pessoas — basta olhar o *WhatsApp* e as redes sociais. No entanto, em pesquisas realizadas, educadores acreditam que a tecnologia vai aproximar o professor do aluno. O senhor concorda?

Humberto Estevam: É importante pensar que as tecnologias devam ser auxiliares em qualquer aprendizado e não como padrões para aproximação de aluno e professor. Se pensarmos nas redes sociais, por exemplo, não podemos ficar escravos e dependentes. Alguns aplicativos obrigam o indivíduo a ficar on-line o tempo todo, preferindo ler uma mensagem ao escutar o outro que está à sua frente. Temos que ter nosso próprio espaço de vivenciar oportunidades reais, relações reais. Ninguém consegue focar em mais de uma coisa ao mesmo tempo. Neste caso, vai dividir e, com certeza, o que te chamar mais a atenção será o motivo do foco. Para esclarecer, vou dar um exemplo: o professor explica um determinado conteúdo em sala enquanto seu aluno lê mensagens no *WhatsApp*. Seu cérebro está determinando milésimos de segundos para ouvir e outros milésimos para ler. Qual o sentido do foco? Qual a importância do foco? O que mais chama a atenção? Quem determina o que é importante? As tecnologias sociais são muito importantes e acredito muito que possam aproximar o professor e o aluno, mas é necessário saber utilizar, quando utilizar, onde utilizar e para o quê.

Entrevistadoras: Pesquisadores afirmam que, para atuar no contexto atual educacional, o professor tem deixado de ser um mero transmissor de conhecimentos para ser mais um orientador, um estimulador de todos os processos que levam os alunos a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam crescer como pessoas, cidadãos e futuros trabalhadores. Dessa forma, desempenhando uma influência verdadeiramente construtiva, o professor passa a ser mais um mediador. Esse papel de mediador ou facilitador interfere na identidade do professor?

Humberto Estevam: O ser educador é exatamente trabalhar com estes estímulos que permeiam entre desfechos didáticos e pedagógicos, com objetivos bem definidos a fim de gerar conhecimento e conseqüentemente contribuir para que as mudanças aconteçam, sejam elas sociais, econômicas, culturais e outras. Esta função desempenhada pelo professor que passa a ser um facilitador dos encontros entre o que se propõe e o que realmente acontece - principalmente no âmbito da teoria e da prática, não interfere em sua identidade formadora e nem na sua capacidade de mudanças (o que representa ser educador). Mesmo com esta realidade na qual o professor passa a ser mediador e desce de seu patamar maior, é importante ter o cuidado para manter a disciplina e ordem. Muitos estudantes podem confundir a relação existente, pelo fato do professor estar mais próximo, com isso, pode perder a autonomia e o respeito. É o que normalmente acontece se compararmos as relações entre pais e filhos deste século. Os pais que nasceram no século passado, em uma época de dificuldades, onde tudo era muito difícil e que se quisesse comer, tinha que plantar. A geração Z (filhos deste século) nasce com tudo pronto, tudo à sua disposição e o maior erro dos pais de hoje é dar opções aos filhos, eles têm opções para escolher. Antes, era muito diferente não nos era ofertado e sim tínhamos que buscar e valorizar, o que por mérito conseguíssemos. Como exemplo: a mãe pergunta para o filho, o que você quer comer? Qual o celular que você quer? O que quer ganhar de aniversário? Claro que, dependendo da idade, o menu serão as comidas industrializadas e tão pouco saudáveis, o celular *top* dos lançamentos e/ou a última geração de aparato tecnológico. Mas, esta é apenas uma reflexão sobre as mudanças e os cuidados que o professor deve ter para que sua autonomia de identidade possa prevalecer e ser respeitada.

Entrevistadoras: Considerando que somos perpassados por uma ideologia neoliberal, que demanda um maior grau de eficiência e produtividade de todos os segmentos profissionais e da sociedade como um todo, entendemos que aos professores também são apresentadas exigências na mesma direção. Nesse sentido, tem-se uma condição de trabalho em que, aos professores, cabe maior envolvimento e dedicação constante para atingir a eficiência e o grau de produção esperados. Sobre tal contexto de trabalho, na sociedade neoliberal, perguntamos: o senhor concorda que é condição para a sobrevivência produzir cada vez mais? Considera haver um papel das tecnologias em tal processo? Por outro lado, admite ser destinado aos profissionais da educação um papel específico diante das exigências de mercado, em tempos de constantes renovações tecnológicas?

Humberto Estevam: Diante deste contexto, a situação dos professores neste cotidiano é sem dúvida uma situação que exige cada dia mais envolvimento e dedicação. As mudanças acontecem e em tempo, é necessário acompanhá-las para atingir a eficiência desejada e o grau de produção esperado. As tecnologias, desde a sua acessibilidade (linha de computadores pessoais), exigem envolvimento e crescente *upgrade* funcional e tecnológico. Alguns meios de comunicação deixam de existir e dão lugar às novas facilidades, tudo isso sem falar no tempo que é minimizado, utilizando-se das tecnologias de redes sociais e aplicações simples e muito mais leves. As tecnologias sem dúvida desempenham um papel fundamental com inovações e facilidades que modificam e transformam a realidade. Particularmente, acredito que esta constante renovação tecnológica tem atribuído os movimentos em todas as áreas do conhecimento e, principalmente, na educação. A própria mídia divulga que, cada vez mais, pessoas estão inseridas em plataformas e ambientes digitais existentes e são transformadas por eles, dado que estes provocam um certo grau de dependência e controle. De certa maneira, estamos em fase de adaptação ao neoliberalismo contemporâneo.

Entrevistadoras: Considerando o enfraquecimento e/ou a diluição de fronteiras entre trabalho docente e vida pessoal, em razão da onipresença de tecnologias que

impulsionam o ritmo de trabalho na sociedade do século XXI, a que caminhos esse fenômeno pode nos levar? Quais as possíveis implicações no campo educacional?

Humberto Estevam: As tecnologias não podem ser vistas somente neste sentido entre o trabalho docente e a vida pessoal, mas sim da vida profissional e pessoal, em razão da codependência tecnológica cotidiana. Não é somente a educação e sim todas as áreas percebem esta invasão da vida pessoal pela profissional, e que, para alguns, gera comodidade e, para muitos, controle. O trabalho realizado em casa pode parecer muito mais cômodo para alguns, principalmente no quesito econômico, mas a realidade é ofuscada pela comodidade ou o preço de seu próprio tempo. A grande parte não separa o trabalho de lazer, de descanso, do momento de ficar com os filhos, do momento de conversar com a família, do momento de se alimentar em uma mesa de jantar e não em frente a uns milhões de *pixels*. Acredito que depois da reeducação alimentar possamos chamá-la de reeducação tecnológica, que obedecerá aos momentos que devemos ser humanos. Compartilhar este pensamento implica em reconhecer seus valores de liberdade, valores estes, conquistados com muito suor e que por outro lado não podemos deixar de evoluir e facilitar o trabalho no campo educacional/profissional e pessoal. É só uma questão de cuidado com os excessos. Na vida, tudo o que propomos, pode acontecer e existem tecnologias para isto. Se não existir ainda é porque o humano ainda não evoluiu o suficiente. Neste caminho e se pensarmos em alguns filmes do passado de ficção científica? É a realidade aceita hoje e naturalmente. Para finalizar, penso que as mudanças que permanecem e ganham êxito são aquelas que acontecem devagar e que no meio do caminho se modificam, criam outros compassos, atraem outras tecnologias.

Entrevistadoras: Que outras considerações o senhor gostaria de fazer sobre Tecnologias e Educação?

Humberto Estevam: As tecnologias são complementos no desenvolvimento da Educação como um todo. Devemos utilizá-las sim, mas é necessário saber como. Fazer o uso simplesmente para duplicar o trabalho, não faz sentido. As tecnologias devem ser implementações mais dinâmicas, inovadoras e que possam contribuir

Atos de Pesquisa em Educação - ISSN 1809-0354
Blumenau, v. 12, n.3, p.854-862, set./dez. 2017
DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2017v12n3p854-862>

positivamente para o trabalho docente – inovando, sendo mais atraentes, atualizadas, e, por fim, permitir que todos possam aprender e desenvolver este aprendizado. A educação brasileira necessita de investimentos financeiros, tecnológicos, estruturais e de valorização do Ser Educador.

Entrevistadoras:

ROSEMAR ROSA

rose@iftm.edu.br

IFTM - Instituto Federal do Triângulo Mineiro

Mestre em Educação pela UNIUBE. Coordenadora do Estágio Supervisionado Curso Licenciatura Letras/Português no Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM.

SÁLUA CECÍLIO

salua.cecilio@uniube.br

UNIUBE- Universidade de Uberada

Doutora em Sociologia pela USP-SP (1999). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho docente, Tecnologias e Subjetividade (GEPETTES).

REFERÊNCIAS

ESTEVA, H.M.; OLIVEIRA, M.B.L. *Avaliação do Perfil de Egressos em Educação*. Saarbrüchen: Novas Edições Acadêmicas, 2015. 107p.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.